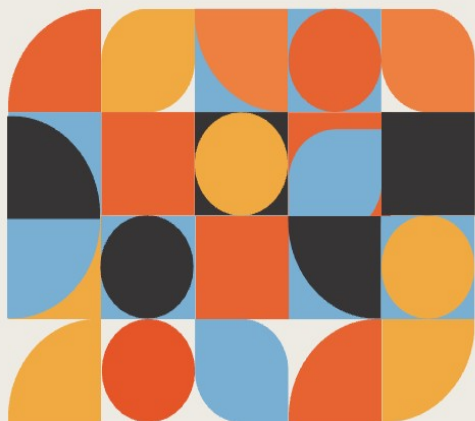




20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

TECENDO A INCLUSÃO: MODA, SENSORIALIDADE E UNIFORMES ESCOLARES NO ESPECTRO AUTISTA

Weaving inclusion: Fashion, sensoriality and school uniforms on the autistic spectrum

Martins, Jhélia Tavares; Graduanda; Centro Universitário Senac, jhessicatmacademico@gmail.com¹

Diab, Khadija; Graduanda; Centro Universitário Senac, khadiab1403@gmail.com²

Meneses, Emerson Silva; Doutor; Centro Universitário Senac/EACH-USP, emerson.smeneses@sp.senac.br,
emerson.meneses@usp.br³

Resumo: Este artigo explora a criação de ambientes escolares mais empáticos e inclusivos para crianças atípicas, com foco no Transtorno do Espectro Autista (TEA). O estudo, baseado em relatos de educadores e familiares, inspirado pela História Oral (Meihy, 2005; Meihy e Holanda, 2019), propõe a adaptação do uniforme escolar para atender às necessidades sensoriais de crianças autistas na puberdade, enfatizando que a Moda pode promover uma experiência escolar positiva para crianças com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; inclusão escolar; uniforme inclusivo.

Abstract: This article explores the creation of more empathetic and inclusive school environments for atypical children, with a focus on Autism Spectrum Disorder (ASD). The study, based on reports from educators and family members, inspired by Oral History (Meihy, 2005; Meihy e Holanda, 2019), proposes adapting school uniforms to meet the sensory needs of autistic children in puberty, emphasizing that fashion can promote a positive school experience for children with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; school inclusion; inclusive uniform.

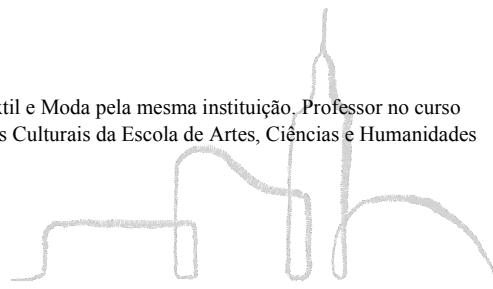
Introdução

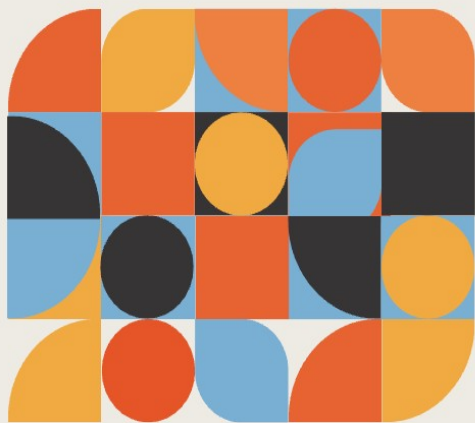
Este artigo, resultado de um projeto de extensão, tem como objetivo discutir formas de criação de espaços mais empáticos e inclusivos para crianças atípicas no ambiente escolar a partir da Moda, com foco na compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e na necessidade de adaptação dos uniformes para os

¹ Graduanda no curso de bacharelado em Design de Moda do Centro Universitário Senac.

² Graduanda no curso de bacharelado em Design de Moda do Centro Universitário Senac.

³ Doutor em Ciências no Programa de Mudança Social e Participação Política pela EACH-USP e mestre em Têxtil e Moda pela mesma instituição. Professor no curso de bacharelado em Design de Moda do Centro Universitário Senac e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

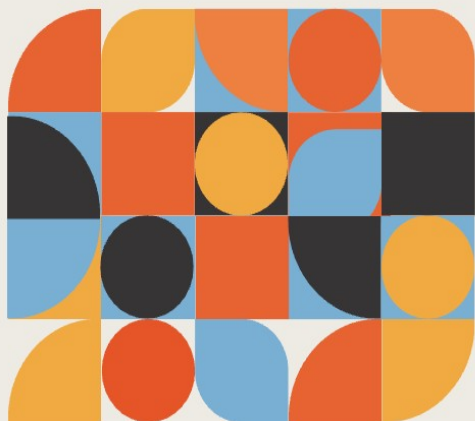
FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

espaços educacionais. Nosso objetivo foi investigar, na prática, o potencial transformador e acolhedor da moda em contextos sociais (Fletcher, 2019). Por meio de entrevistas com duas profissionais, sendo uma da área da saúde e outra da educação, e familiares de crianças autistas, aqui representada por uma responsável por um aluno, todas de uma mesma escola de São Paulo, inspirados na história oral de vida (Meihy, 2005; Meihy e Holanda, 2019), relatamos como a Moda e o uniforme escolar podem ser uma ferramenta de acolhimento e bem-estar para essas crianças nos ambientes escolares.

O autismo, denominado cientificamente como TEA, é um distúrbio neurológico caracterizado por desafios na interação social, dificuldades de comunicação e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados. Segundo Fátima Rodrigues Fernandes (2020), o TEA reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou no início da infância. São elas: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger. Embora o autismo seja uma condição sem cura, há diferentes formas de tratamento que podem melhorar significativamente a qualidade de vida do indivíduo. O acompanhamento médico multidisciplinar, composto por pediatra, psiquiatra, neurologista, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeutas ocupacionais, é essencial para oferecer suporte ao desenvolvimento da criança. Além disso, intervenções como terapia comportamental, integração sensorial e apoio educacional personalizado podem contribuir para um melhor desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas. Neste artigo, resultado de um projeto de extensão, por meio de entrevistas com profissionais da educação e familiares de crianças autistas, exploramos os desafios sensoriais enfrentados por alunos autistas, especialmente em relação ao vestuário, como aversões a certos tecidos e costuras. Com base nesses relatos, é proposta a adaptação da blusa do uniforme escolar, para atender melhor às necessidades sensoriais das crianças em fase de puberdade, oferecendo mais conforto e autonomia, sem que isso venha a se tornar um objeto de exclusão. O estudo ressalta a importância de práticas pedagógicas e adaptações no ambiente escolar que promovam a inclusão, permitindo que as crianças com TEA tenham um aprendizado mais acessível e uma experiência escolar mais positiva.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Desmistificando o espectro autista nos ambientes escolares: discussão conceitual

De acordo com o site da associação de pais e profissionais de saúde, Autismo e Realidade⁴, na história do estudo sobre o autismo, quatro nomes se destacam: Leo Kanner, Hans Asperger, Michael Rutter e Lorna Wing.

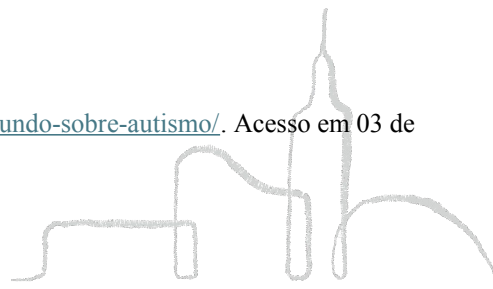
Kanner, psiquiatra austríaco radicado nos EUA, estudou crianças com comportamentos atípicos e, em 1943, publicou o estudo *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*, nomeando a condição como “Transtorno Autístico do Contato Afetivo” e associando-a à esquizofrenia infantil. Enquanto isso, Asperger analisou casos mais leves do espectro autista, identificando a maior prevalência em meninos e características como falta de empatia, interesses restritos e linguagem peculiar, sem atrasos na fala ou retardo mental. Seu estudo, *A Psicopatia Autista na Infância*, publicado durante a Segunda Guerra, só ganhou reconhecimento na década de 1980. Em 1978, Rutter redefiniu o autismo como um transtorno independente da esquizofrenia, baseando-se em dificuldades sociais e de comunicação, além de comportamentos estereotipados, manifestando-se antes dos 30 meses. Ele foi pioneiro em pesquisas que analisaram fatores biológicos e sociais do autismo. Já Wing foi responsável por consolidar a visão do autismo como um espectro com diferentes níveis, propondo seis critérios diagnósticos, como verbalização estereotipada, comunicação não verbal inadequada e dificuldades com mudanças. Seu trabalho, junto ao de Rutter, fundamenta o entendimento atual do TEA, promovendo avanços na qualidade de vida dos autistas.

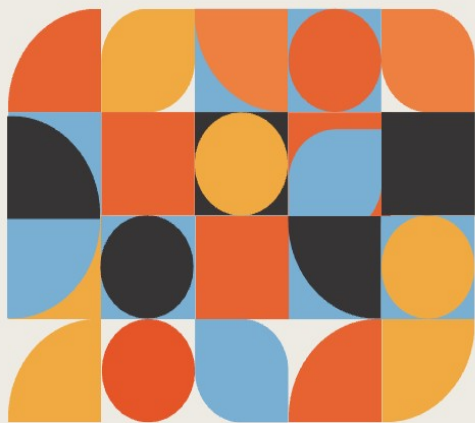
De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2013), o diagnóstico do autismo pode ser realizado já nos primeiros meses de vida e é classificado em três níveis de suporte:

Nível 1: dificuldades com interações sociais, interesses restritos e comportamentos repetitivos. O indivíduo pode necessitar de algum suporte para lidar com as interações sociais e mudanças na rotina.

Nível 2: dificuldades mais evidentes na comunicação social, resistência maior a mudanças e comportamentos mais rígidos e repetitivos.

⁴<https://autismoerealidade.org.br/2019/11/27/quatro-medicos-que-mudaram-a-visao-do-mundo-sobre-autismo/>. Acesso em 03 de agosto de 2025.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

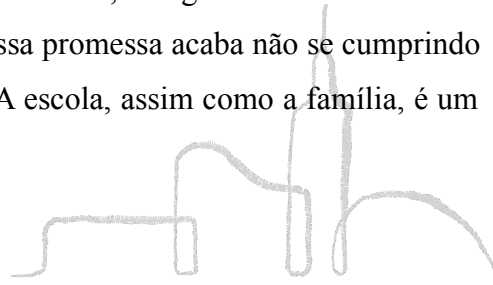
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

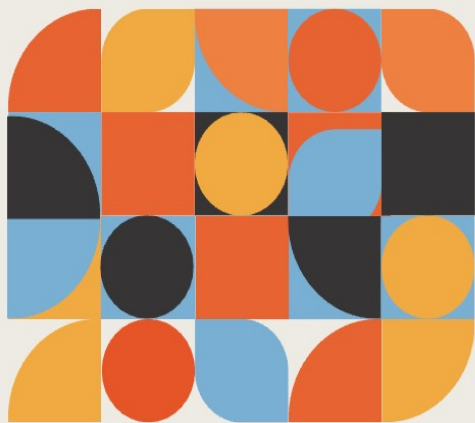
Nível 3: comprometimento severo na comunicação e interação social, além de dificuldades que causam prejuízos funcionais significativos. Indivíduos nesse nível precisam de apoio intensivo para realizar atividades do dia a dia.

De acordo com o DSM-5, alguns dos principais sintomas do TEA incluem: déficits na comunicação social e na interação em múltiplos contextos, dificuldade em iniciar e manter uma conversa, compartilhamento reduzido de interesses e emoções, anormalidades no contato visual e na linguagem corporal, ausência total de expressões faciais e de comunicação não verbal. Além disso, são comuns padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos motores repetitivos, uso de objetos de maneira estereotipada, insistência em rotinas rígidas e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Os sintomas devem estar presentes desde o início do desenvolvimento infantil e causar dificuldades clinicamente significativas na vida cotidiana.

O diagnóstico do TEA geralmente ocorre por volta do segundo ano de vida e deve ser realizado por profissionais especializados, como psiquiatras, pediatras, neuropediatras e psicólogos. A avaliação se baseia na observação do comportamento da criança e na análise de sinais como falta de contato visual, ausência de resposta ao ser chamada pelo nome, desinteresse por interações sociais, maior interesse por objetos do que por pessoas e dificuldades na comunicação verbal e não verbal. O quadro clínico pode variar amplamente entre os indivíduos, podendo incluir desde altas habilidades cognitivas (superdotação) até atrasos significativos no desenvolvimento, além de episódios de agressividade ou crises sensoriais. Diante disso, é fundamental que os ambientes escolares sejam adaptados para garantir uma experiência de aprendizado mais acessível e acolhedora às crianças com TEA. No entanto, ao analisarmos o papel da escola, é preciso ir além das mudanças no espaço físico e considerar também os discursos e comportamentos que moldam o ambiente educacional.

As falas da pesquisadora Berenice Bento, em entrevista concedida a Alfrancio Dias Ferreira (2017) trazem uma crítica forte ao papel que a escola exerce dentro da sociedade disciplinar, conceito do filósofo Michel Foucault (1975). Para a autora, a escola não é um lugar neutro de liberdade e pensamento crítico, como muitas vezes se imagina, mas sim um espaço que ajuda a manter regras sociais, desigualdades e formas de controle. Embora se fale em uma educação que liberte e ensine a pensar, essa promessa acaba não se cumprindo por conta de práticas que valorizam mais a obediência do que a reflexão. A escola, assim como a família, é um





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

dos primeiros lugares onde a criança aprende a seguir regras, aceitar ordens e muitas vezes lidar com a exclusão das diferenças. Segundo Bento (2017; 2011), a vivência na escola está longe de ser tranquila; ao contrário, é cheia de conflitos, disputas e formas de violência simbólica que moldam a maneira como as pessoas pensam e reforçam desigualdades. Muitos dos relatos de discriminações contra alunos e alunas não são acompanhados de histórias de professores/as que tenham realizado discussões em sala de aula sobre diversidade e respeito, como já afirmara Berenice Bento.

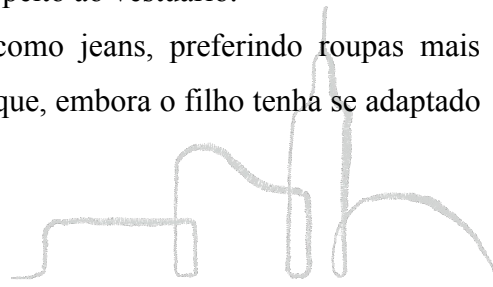
Nesse cenário, pensar na inclusão de crianças autistas nas escolas exige reconhecer essas dificuldades mais profundas. Não basta apenas adaptar o espaço e os materiais; é preciso também mudar práticas que ainda tratam as diferenças de forma negativa. Medidas como o preparo dos profissionais da educação, mudanças no ambiente para atender melhor às necessidades sensoriais das crianças, adaptação de materiais didáticos e métodos de ensino mais personalizados são fundamentais para garantir a inclusão e o desenvolvimento completo desses alunos. Criar espaços mais acolhedores e preparados permite que crianças autistas tenham verdadeiras oportunidades de aprender e se relacionar, ajudando na construção de uma sociedade mais justa e respeitosa com as diferenças.

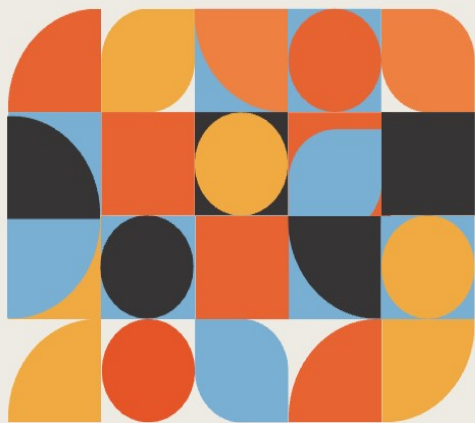
Metodologia: Entrevistas sob um olhar empático

Para entendermos melhor como é o dia a dia de crianças dentro do espectro autista, realizamos uma série de entrevistas com pessoas que convivem diretamente com essas crianças, buscando compreender as dificuldades, adaptações e soluções no cotidiano delas. O método utilizado para as entrevistas foi inspirado na história oral de vida (Meihy, 2005; Meihy e Holanda, 2019), uma abordagem que permite a coleta de relatos pessoais e experiências únicas. A seguir, apresentamos a análise de algumas dessas entrevistas.

Cristina, psicóloga especializada em crianças autistas e mãe de um menino autista de 13 anos, compartilhou sua experiência tanto como profissional quanto como mãe. Essa colaboradora descreveu as dificuldades sensoriais que seu filho enfrenta, especialmente no que diz respeito ao vestuário.

Desde pequeno, “ele demonstrou aversão a texturas e roupas como jeans, preferindo roupas mais confortáveis, como moletom e bermudas com elástico”. Cristina explicou que, embora o filho tenha se adaptado





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

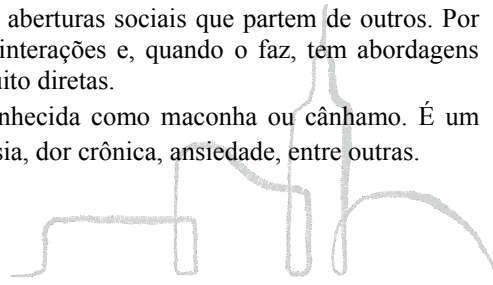
a algumas texturas ao longo do tempo, “o desconforto com certas vestimentas continua a ser um desafio”, afetando sua rotina e comportamento. Ela destacou a importância de entender as particularidades sensoriais de cada criança, pois a padronização de soluções nem sempre é eficaz. Cristina citou também a mudança na legislação do Mato Grosso, onde foi retirada a obrigatoriedade do uniforme escolar para crianças autistas, um passo importante para reconhecer as necessidades sensoriais diversas.

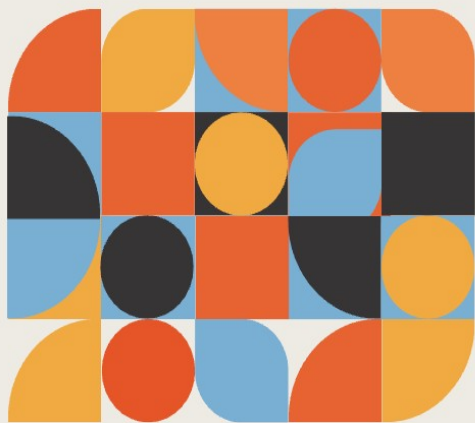
A segunda colaboradora, Tânia, uma pedagoga com especialização em Educação Inclusiva, discutiu a importância de um ambiente escolar adaptado às necessidades sensoriais de crianças autistas. Nossa colaboradora enfatizou que tanto a “hiperresponsividade quanto a hiporresponsividade sensorial podem impactar o comportamento e o aprendizado das crianças”. Tânia também abordou a importância dos uniformes inclusivos, que, ao proporcionar maior conforto, ajudam na adaptação escolar, especialmente ao permitir que as crianças se sintam mais à vontade. Tânia também falou sobre a autonomia das crianças ao escolherem suas roupas, observando como “esse processo contribui para o autoconhecimento e a expressão pessoal”. Além disso, ela mencionou o uso de elementos táteis discretos em uniformes como uma possível estratégia para auxiliar na regulação sensorial das crianças.

Dona Regina, nossa terceira colaboradora, avó do Miguel, um menino autista nível dois de suporte⁵, com hipersensibilidade sensorial, compartilhou detalhes sobre a rotina e as adaptações necessárias para garantir o conforto de seu neto. Ela relatou que Miguel “não tolera tecidos sintéticos, etiquetas, costuras salientes e peças com botões ou zíperes”. A família adaptou uniformes escolares para ele, utilizando tecidos de algodão e criando peças mais soltas, sem capuz ou gola apertada. Dona Regina também falou sobre o processo de adaptação de Miguel em relação à alimentação e aos relacionamentos sociais, destacando como o apoio familiar e profissional tem sido fundamental no seu desenvolvimento. Ela mencionou ainda o uso do canabidiol⁶ no tratamento de Miguel, que trouxe melhorias significativas em sua concentração e percepção sensorial,

⁵Nível 2 de suporte: Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer as necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.

⁶ O canabidiol (CBD) é um composto químico da planta Cannabis sativa, também conhecida como maconha ou cânhamo. É um medicamento que pode ser utilizado para tratar diversas condições de saúde, como epilepsia, dor crônica, ansiedade, entre outras.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

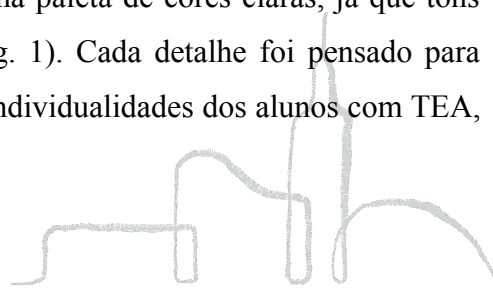
especialmente em relação a cheiros fortes, que ele sente de forma mais intensa. Estes relatos evidenciam a importância de um olhar cuidadoso e sensível em relação às necessidades sensoriais de crianças autistas, especialmente no que diz respeito à escolha de vestuário. A adaptação de roupas, a consideração das preferências individuais e a criação de ambientes escolares inclusivos são essenciais para promover o bem-estar, a autonomia e o desenvolvimento dessas crianças.

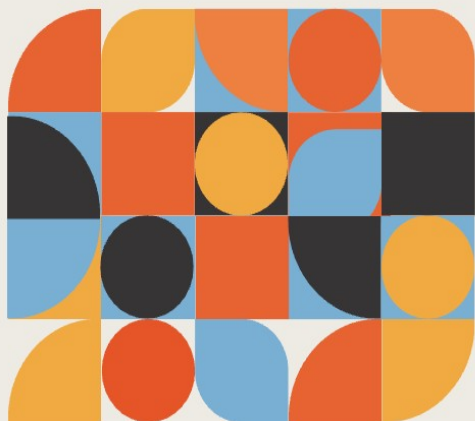
Produto Final: Uniforme que Acolhe

A peça final desenvolvida por alunas no projeto de extensão foi pensada com base nas principais necessidades sensoriais e comportamentais identificadas durante as entrevistas com alunos autistas e seus responsáveis. Optamos por utilizar tecidos como o algodão 100% e a malha de visco lycra, que possuem toque suave, não esquentam excessivamente e apresentam alta aceitação por parte dessas crianças. Para as roupas de frio, escolhemos moletom e moletinho sem forro e não flanelado, evitando texturas que causam desconforto. A modelagem foi feita de forma ampla, com golas e mangas mais soltas, buscando o máximo de conforto e liberdade de movimento.

Levando em consideração que o uso do uniforme escolar é obrigatório na instituição focada, mas pode representar um fator de estresse para crianças com TEA, propusemos adaptações específicas na blusa escolar. Além da escolha de tecidos agradáveis ao toque, pensamos em soluções como o aumento da barra em 7 centímetros, especialmente nas camisetas masculinas do Ensino Fundamental II, para garantir maior conforto durante a puberdade, fase marcada por mudanças corporais e aumento da sensibilidade. Inserimos também costuras laterais adicionais, ampliando a peça de maneira sutil para evitar o aperto no corpo, e adotamos costuras externas, que reduzem o atrito com a pele e evitam irritações. A blusa foi confeccionada em tons pastel, por serem mais suaves visualmente e mais bem tolerados sensorialmente.

Além disso, propusemos uma bermuda com modelagem mais ampla, respeitando o desenvolvimento corporal e evitando exposições desconfortáveis. Também optamos por uma paleta de cores claras, já que tons escuros exigem, em muitos casos, um processo de dessensibilização (fig. 1). Cada detalhe foi pensado para transformar o uniforme em um instrumento de acolhimento e respeito às individualidades dos alunos com TEA,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

contribuindo para que o ambiente escolar seja mais inclusivo, acessível e empático às necessidades dessas crianças.

Figura 1 – Croqui de uniforme com modelagem ampla idealizado para ser um instrumento de acolhimento

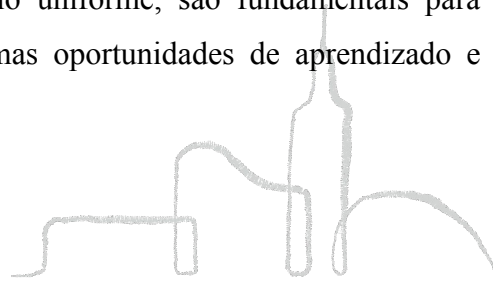


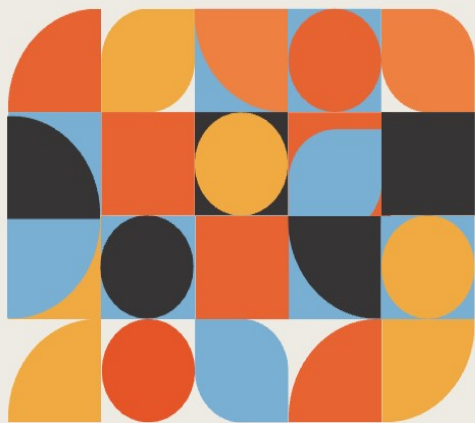
Fonte: Autoria própria

Considerações Finais

Este estudo destaca a importância de adaptar o ambiente escolar às necessidades sensoriais de crianças com Transtorno do Espectro Autista, especialmente em relação ao vestuário. A proposta de adaptar o uniforme escolar, mantendo suas características, porém, tornando a blusa mais confortável e ajustada às mudanças corporais típicas da puberdade, visa reduzir o desconforto físico e melhorar a concentração e o bem-estar desses alunos. A modificação de alargar a blusa e aumentar a barra em 7 centímetros é uma medida simples, mas eficaz, para garantir mais conforto durante o dia escolar.

Além disso, é essencial que as escolas adotem práticas inclusivas e que os profissionais de educação estejam preparados para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA. A criação de um ambiente mais acolhedor e a adaptação dos materiais escolares, além do próprio uniforme, são fundamentais para promover a inclusão, permitindo que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Estados Unidos: Artemed, 2013.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

FERNANDES, Fátima. O que é autismo. **Autismo e Realidade**, 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

FERREIRA, Alfrancio Dias. Entrevista sobre escola: A escola como um lugar de disputas e desafios. 2017. Disponível em: <https://berenicebento.com/2017/04/entrevista-sobre-escola-a-escola-como-um-lugar-de-disputas-e-desafios/>. Acesso em: 07 abr. 2025.

FLETCHER, Kate. Clothes that connect. In: RESNICK, Elizabeth. **The Social Design Reader**. London: Bloomsbury Visual Arts, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, (1975) 1987.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2019.

